

O SOCIAL PARA UMA CRÍTICA INSTITUCIONAL – SISTEMAS SIMBÓLICOS, ARTE E INSTITUIÇÃO

Camilla Rocha Campos – mestranda na linha de História e Crítica de Arte do Instituto de Artes da UERJ.

RESUMO:

Artistas como Hans Haacke, Andrea Fraser, Daniel Buren, dentre outros, trouxeram para dentro da arte discussões que tangenciam campos políticos e econômicos, abraçando como foco o olhar crítico para a forma de atuação dos agentes da arte dentro da própria instituição que criam e agenciam. Assim a crítica institucional, ao lidar com a exterioridade da instituição arte açambarca outros sistemas simbólicos sociais atuando sobre eles e sofrendo suas influências. Através do trabalho de Hans Haacke, *Na lubrificação social*, e dos conceitos sobre relações sociais de Pierre Bourdieu e Antonio Negri, *O social para uma crítica institucional* busca analisar as flexões entre esses sistemas simbólicos que ao constituírem as instituições sociais formadoras da cultura, atravessam a arte.

Palavras-chave: crítica institucional, sistema simbólico, arte, sociedade, instituição.

ABSTRACT:

Artists like Hans Haacke, Andrea Fraser, Daniel Buren, among others, brought to art discussions that touch politics and economics fields, embracing as a focus a critical view of the actuation of the agents of art inside their on institution, which they create and negotiate. Therefore, the institutional critique, on leading with the art institution exteriority involves others symbolic social systems, acting on them and being influenced by them. Through Hans Haacke's work, On social grease, and Pierre Bourdieu and Antonio Negri's concepts about social relations, the text try to analyze the inflections between these symbolic systems that, by constituting the social institutions that forms the culture, traverse art.

Key words: institutional critique, symbolic system, art, society, institution.

“Toda cultura pode ser considerada como um conjunto de sistemas simbólicos, à frente dos quais situam-se a linguagem, as regras matrimoniais, as relações econômicas, a arte, a ciência, a religião. Todos esses sistemas visam a exprimir certos aspectos da realidade física e da realidade social, e, mais ainda, as relações que esses dois tipos de realidade mantêm entre si e que os próprios sistemas simbólicos mantêm uns com os outros.”ⁱ

(Claude Lévi-Strauss – sobre trocas e sistemas simbólicos na obra de Marcel Mauss.)

A discussão em torno da crítica institucional aproxima do mundo da arte interesses econômicos, políticos e sociais. Aproximação que antevê o social como realidade, transportando suas negociações com o campo da arte para o olho de um furacão. Atenta aos movimentos simbólicos e econômicos relacionados a instituição

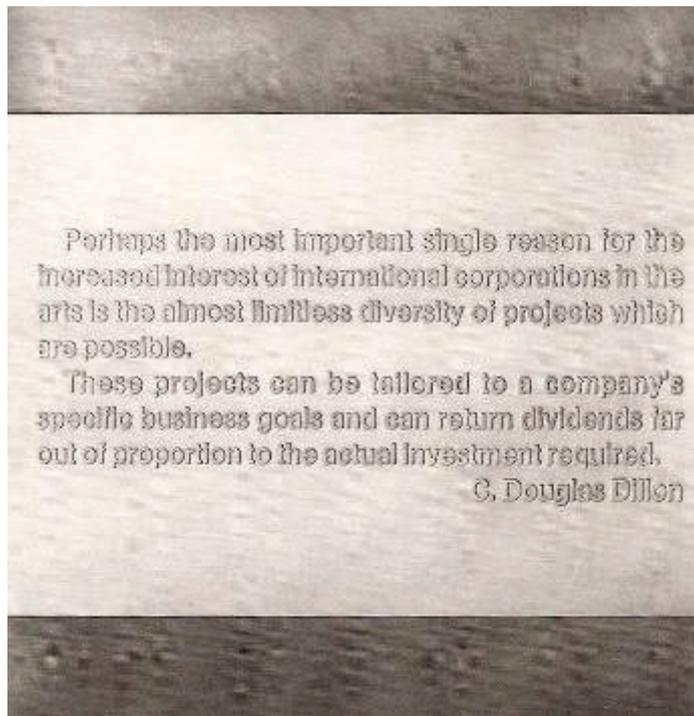
arte, a crítica institucional busca marcar o passo de sua diacronia, interferindo e sendo interferida pelo comum. Ao se lançar para a verdade dentro do enquadramento das condições institucionais vigentes, ela cria um espaço de visibilidade pública de negociação cultural. A interferência da arte em outros sistemas formadores da cultura e vice e versa, no sentido proposto por Lévi-Strauss, sugere uma reflexão da projeção do indivíduo de forma ativa no social, bem como do social sobre esse indivíduo. A paridade de fluxos entre os sistemas que compõem a sociedade faz com que a arte não lide apenas com a sua própria instituição, mas também com o reflexo de outras instâncias sociais que ao dialogarem com ela através de seus agentes (artistas, produtores, museus, galeristas, público, colecionadores, corporações financiadoras da arte, instituições públicas e privadas, etc.) a modificam, a desenvolvem e/ou a mantêm.

Sistemas simbólicos culturais e sistema de arte

No começo dos anos 1970 grandes corporações e colecionadores começaram a patrocinar exposições de arte em grande escala, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa. Esse novo tipo de associação, embora não tenha chamado muita atenção na época, mudou significativamente a relação do sistema de arte com os outros sistemas culturais, que passaram a flexionar a arte dentro de um sistema social normativo. A arte ganhou um lugar específico nas negociações simbólicas sociais. Manobras financeiras criaram para aqueles “associados” ideologicamente com o conhecimento artístico uma imagem pública positiva e um clima político favorável, indiretamente. Sob a tutela da arte o tráfico de interesses é encoberto. A inversão da arte no *sistema simbólico cultural*: o *good business* para o olho social do bolso particular.

Arte = prestígio social = valor cultural = “soberania” intelectual aliada ao poder econômico. O gerenciamento de trabalhos de arte como aparentes produtos de mercado, que agenciam a dimensão simbólica cultural corroborada por interesses financeiros ligados ao status social, não desvinculou, no entanto, do conteúdo do trabalho artístico sua potência crítica enquanto “antítese social da sociedade”ⁱⁱ. Segundo Adorno, “o *engagement* e o hermetismo convergem na recusa do *status quo*”ⁱⁱⁱ, e com isso, o advento mercadológico ao tentar alavancar-se paralelamente ao valor do objeto de arte, corre o risco de atrelar a si a subversão de seu próprio

propósito. O sistema de arte então, ao dialogar com os sistemas que propõem a ele acordos sociais, passa da condição de objeto de desejo para objeto de promulgação. Na tentativa de usar a arte para promoção de interesses privados, outros sistemas sociais abrem espaço para a reavaliação de suas práticas. Dentro da arte as regras de conduta sociais que a ela são atribuídas passam por questionamentos numa ressaca constante. A possibilidade de utilizar incorre em ser utilizado.

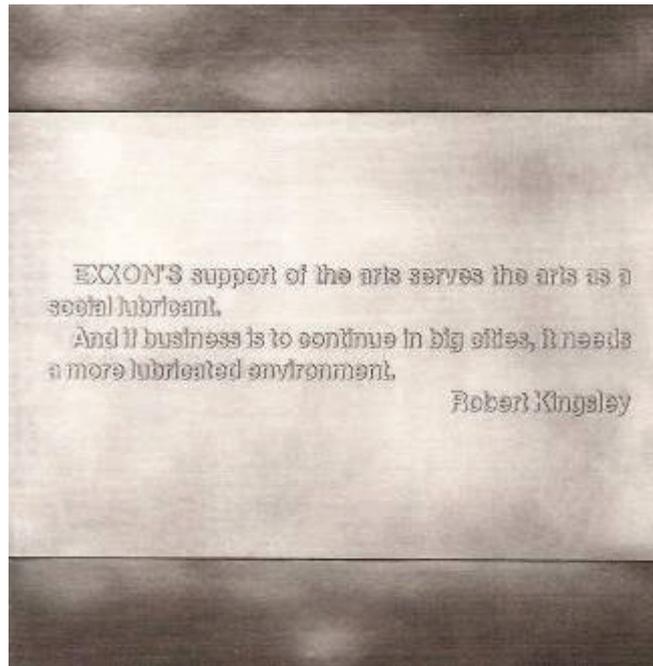


Hans Haacke, Na lubrificação social, seis placas de 76,2 X 76.2 cm, fotografia gravada em placas de magnésio instaladas em alumínio. Galeria John Weber, Nova York, EUA, 1975.

A incorporação direta da estrutura de sistemas financeiros e políticos ligados ao modo de produção capitalista, englobando a *economia do conhecimento*, gerou a partir do trabalho de alguns artistas como Hans Haacke e Daniel Buren o mote da crítica institucional. A revisão das relações entre museus, galerias, artistas e público aproximou os agentes da arte não apenas às discussões que concernem à instituição da qual participam, mas também ao leque de relações que ela estabelece como parte de um *sistema simbólico cultural*. A partir de então,

“não há ‘artistas’, portanto que estejam imunes de serem afetados e influenciados pelo sistema de valor sócio-político da sociedade na qual ele vive e na qual todos os agentes culturais fazem parte, não importando se eles são ignorantes dessas coações ou não.”^{iv}

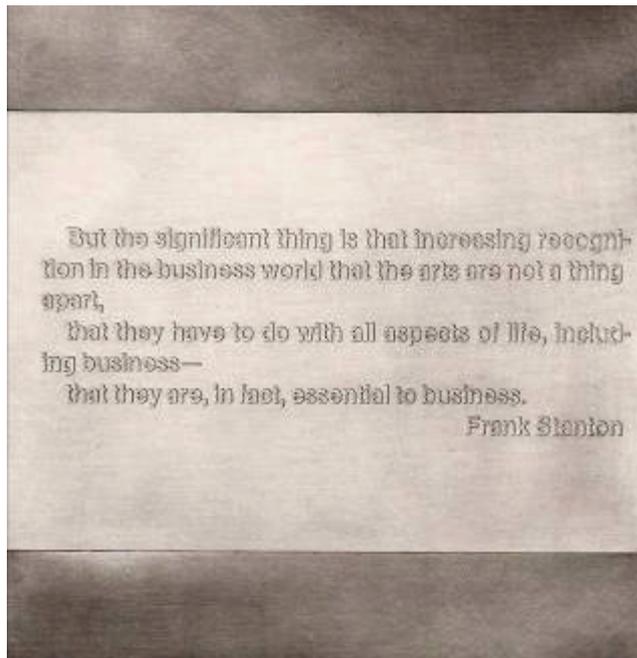
Durante alguns anos Hans Haccke coletou citações de políticos e empresários a respeito da relação entre arte e comércio. Em seu trabalho intitulado *On Social Grease*, em português, *Na lubrificação social*, ele escolheu 6 citações e as colocou em painéis de alumínio. As frases mostram uma relação cínica e especulativa de políticos e empresários com a arte. A manipulação da instituição em benefício de um objetivo financeiro aparece distante dos interesses da instituição arte. Aparecer não é simplesmente a ação. A sinalização da especificidade da arte como algo fronteiro nas relações sociais ganha uma guinada. A reflexão não está apenas sobre o campo da arte, mas também sobre as articulações de outros sistemas culturais que buscam se manter enquanto detentores da amarração de condutas cotidianas. A arte utilizada como *lubrificante social* subverte a instituição arte enquanto espaço de autonomia ao entrelaçar seus pressupostos a objetivos externos. Dentro da especificidade da arte o social formado por instituições busca a “normalização” do pensamento. No entanto, o olhar que associa o dentro e o fora da instituição arte não vê como “natural” as representações e ideias sociais vigentes. Desse modo, ele busca validar dentro do campo da arte sua ação enquanto pensamento social. A crítica institucional lida, assim, com o que o sociólogo Pierre Bourdieu chamou de *violência simbólica*. Uma violência invisível que “só pode ser exercida com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. Para Bourdieu, agentes e instituições preservam suas funções sociais sobre os indivíduos e com a adesão deles, através de um poder quase mágico, que os permite “obter o equivalente daquilo que é obtido pela força” e que “só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário”^{vi}. A situação prescrita por Bourdieu é a estratégia dos autores das citações recolhidas por Haacke. Ignorados como arbitrários os interesses de manipulação de poder de opinião e visão pública flutuam sobre a *taxonomia institucionalizada* das “belas artes”. A ação de cada agente leva a pensar toda a instituição: arte – economia – conduta – sociedade. E o reverso.



Hans Haacke, Na lubrificação social, seis placas de 76,2 X 76.2 cm, fotografia gravada em placas de magnésio instaladas em alumínio. Galeria John Weber, Nova York, EUA, 1975.

Em seu texto *Da crítica às instituições a uma instituição da crítica*^{vii} a artista americana Andrea Fraser busca encontrar o momento em que o sistema da arte passa a se relacionar de forma direta com esses outros sistemas sociais no sentido de “reorientar a atenção e endereçar o discurso ideológico para *fora* da moldura”, antes modernista, “focando no discurso da cultura (...) que condiciona e controla a experiência cotidiana”^{viii} e que, assim, açambarca convenções que influenciam internamente o campo da arte. Anterior a Fraser, em um texto focado na relação da produção de arte contemporânea com as instituições, a cultura e o sistema de produção capitalista, Benjamin Buchloh aponta o redirecionamento da arte para outras condições do trabalho artístico. Condições ligadas às características da arte conceitual que, para além do enquadramento moderno, lançou os ganchos da arte para a extensão e remodelamento de seu espaço na interlocução com outros sistemas sociais; linguagem, relações econômicas, ciências. Segundo Fraser, esse texto de 1974 de Buchloh foi um dos primeiros a ligar os trabalhos de Daniel Buren, Michel Asher, Hans Haacke e Marcel Broodthaers à relação da arte com a instituição. Momento em que o processo de transformação do capitalismo frente à imaterialidade e às novas formas de poder estão baseadas não mais apenas na dimensão física do indivíduo, mas também em sua realidade intelectual espalhada através da abrangência horizontal e virtual do mundo. Assim, o processo das

relações entra em foco: artistas, produtores, museus, galeristas, público, colecionadores, corporações públicas e privadas, etc.. O trabalho de arte é o pavio descentralizador que leva suas posições frente a um sistema social que tende a articulação enquanto totalidade ideológica. A partir do que “independentemente se de ‘vanguarda’ ou ‘conservador’, de ‘direta’ ou ‘esquerda’”, todos os agentes e instituições que compõem a arte seguem “uma carreira de conotações sócio políticas”^{ix}.



Hans Haacke, Na lubrificação social, seis placas de 76,2 X 76.2 cm, fotografia gravada em placas de magnésio instaladas em alumínio. Galeria John Weber, Nova York, EUA, 1975.

Entre realidade física e realidade social

Numa conferência realizada no Brasil o filósofo político Toni Negri falou sobre um sujeito contemporâneo colocado numa nova temporalidade, num tempo de imersão total. A totalidade desse tempo exige inter-relações contínuas em um fluxo que se configurou como biopolítico por não conseguir mais distinguir seu *valor de uso* de seu *valor de troca*^x. O sujeito, socialmente interdisciplinar, integra e reconcilia seu corpo aos espaços e atitudes sobre os quais está sujeito. Sob o capitalismo cognitivo, ele está englobado *full time* ao seu movimento de trabalho braçal – intelectual – produtor. As múltiplas instituições com as quais ele se associa nessa totalidade, ora profundo ora superficialmente, se tornam suas *parceiras involuntárias*^{xi} e “participam conjuntamente da manutenção e/ou do desenvolvimento

da maquiagem ideológica de sua própria sociedade”^{xii}. Todos imersos na mesma realidade se vêem numa contínua discussão que deve ser renovada e renegociada, a cada novo movimento social ou subjetivo.

Nesse ponto a crítica institucional, tal qual o capitalismo cognitivo, aposta que as riquezas imateriais produzem valor. No entanto, não basta produzi-los. A troca e o uso desses valores pelo indivíduo (artista, público, *dealer*) é que organiza e orienta as discussões institucionais. Valores aparelhados. O modo de produção e o direcionamento da inserção do trabalho de arte, tanto quanto a atitude do artista frente ao sistema, conjugam as possíveis formas a serem assumidas pelo próprio sistema e, paralelamente, pela realidade social que ele abraça, ou que o abraça. Haacke incorpora o efeito direto de manobras políticas e empresariais no que afeta a realidade social enquanto o uso da arte. A reformulação de um campo a partir de uma demanda externa a sua especificidade. Haacke responde às instituições e reloca a conversa para um âmbito político, no sentido de reorganizar e (re)dirigir outras possibilidades de associações entre sistemas culturais, aplicando a arte à negócios internos e externos a ela.

Andrea Fraser frisa que “toda vez que mencionamos a ‘instituição’ como algo distinto de ‘nós’, executamos nosso papel na criação e perpetuação de suas condições”^{xiii}. Ela atribui a estagnação de possíveis transformações dentro do campo da arte à dissociação do sujeito à instituição da qual ele participa. Segundo Fraser estar dentro do sistema é necessário para pensar e agir sobre sua estrutura e sua política. Não nos encontramos à parte de um corpo institucional; nós o formamos. As parcerias involuntárias da arte, associadas à outras diretrizes de conduta, recuperam através do corpo do sujeito imerso num tempo totalitário sua necessidade de negociar quais formas de conduta adotar. Autoreflexão. Fraser sugere o indiscernimento da crítica institucional com relação a seus agentes, sejam eles artistas, curadores ou os próprios museus. A instituição se faz móvel. Seria a crítica institucional exercida de dentro do corpo instituído? Ela poderia extrapolar a instituição arte lidando com os *parceiros involuntários*, compostos por escolhas conscientes e/ou impostas enquanto coerção social invisível, que acolhem um sujeito receptáculo de inúmeras instituições? Instituir a crítica dentro desse corpo poderia trazer uma condição permanente passiva na qual a “crítica pode se tornar apenas uma celebração autoreflexiva que (...) re-santifica as instituições”^{xiv}?

Bourdieu trabalha a ideia de instituição como aquilo que é formador de sentido, que participa de uma instância universal, conhecida e reconhecida por todos, apresentando-se como uma regra de percepção social. Para ele as instituições caminham juntas visando sustentar suas influências e interesses afim de manter o controle da regulamentação cultural. A crítica institucional assim, com o olho nas confluentes formações de sentido através da arte, estabelece uma conversa horizontal com as instâncias que visam o controle da instituição arte. E numa aproximação com o sujeito submerso em produtividade busca unir suas práticas artísticas a formação ideológica do espaço que vivem. Ela propõe a subversão do seu regulamentador, da *taxonomia institucionalizada*, da constituição de uma instituição, no sentido em que fala Bourdieu, do olhar cego que vê no ponto fixo o móvel e reconhece na impermanência a possibilidade de questionar. Uso ou troca?



Hans Haacke, Na lubrificação social, seis placas de 76,2 X 76.2 cm, fotografia gravada em placas de magnésio instaladas em alumínio. Galeria John Weber, Nova York, EUA, 1975.

- ⁱ LÉVI-STRAUSS, Claude, “Introdução à obras de Marcel Mauss”, in: MAUSS, Marcel, Sociologia e antropologia, São Paulo; Cosac Naify, 1ª edição, 2003, pg.19.
- ⁱⁱ ADORNO, Theodor W. Teoria Estética. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008, pg.21.
- ⁱⁱⁱ Idem, pg.373.
- ^{iv} HAACKE, Hans. All the art that’s fit to show, in: GRASSKAMP, Douglas e HAACKE, Hans. Hans Haacke, Nova York, EUA: Ed. Phaidon, 1ª edição, 2004, pg.105.
- ^v KINGSLEY, Robert (conselheiro de relações publicas, culturais e de comunicação da Exxon 1997-80), Expressão utilizada para ilustrar a relação entre arte e comércio, citada numa coluna do jornal New York Times, do dia 20 de outubro de 1974, seção 3, pg.1.
- ^{vi} BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007, pg.195.
- ^{vii} FRASER, Andrea. From the Critique of Institutions to an institution of critique, in: WELCHMAN, John (Ed.), Institutional critique and after, Zurique, JRP Ringier, 2006.
- ^{viii} BUCHLOH, Benjamin H. D.. “Alegorical Procedures: appropriation and montage in contemporary art”, in ALBERRO, Alexander e BUCHMANN, Sabeth (Eds.), Art after conceptual art, Massachusetts, MIT Press, Viena, Generali Foundation, 2006, pg.38.
- ^{ix} HAACKE, Hans. All the art that’s fit to show, in: GRASSKAMP, Douglas e HAACKE, Hans. Hans Haacke, Nova York, EUA: Ed. Phaidon, 1ª edição, 2004, pg.104.
- ^x NEGRI, Antonio e LAZZARATO, Maurizio, Trabalho imaterial, Rio de Janeiro: DP&A editora, coleção Espaços do desenvolvimento, 1ª edição, 2001, pg.28-29.
- ^{xi} HAACKE, Hans. All the art that’s fit to show, in: GRASSKAMP, Douglas e HAACKE, Hans. Hans Haacke, Nova York, EUA: Ed. Phaidon, 1ª edição, 2004, pg.105.
- ^{xii} Idem, pg.105.
- ^{xiii} FRASER, Andrea. From the Critique of Institutions to an institution of critique, in: WELCHMAN, John (Ed.), Institutional critique and after, Zurique, JRP Ringier, 2006, pg.133.
- ^{xiv} HOFFMAN, Jens. The curatolization of institutional critique. In WELCHMAN, John (Ed.), Institutional critique and after, Zurique, JRP Ringier, 2006, pg.334.

Referências

- GRASSKAMP, Douglas e HAACKE, Hans. **Hans Haacke**, Nova York, EUA: Ed. Phaidon, 1ª edição, 2004.
- HAACKE, Hans e WALLIS, Brian (org.). **Hans Haacke: Unfinished business**, Museum of Contemporary Art, NY, M.I.T. Press, Cambridge, Massachusetts; London, England, 1986.
- WELCHMAN, John (Ed.), **Institutional critique and after**, Zurique, JRP Ringier, 2006.
- ALBERRO, Alexander e BUCHMANN, Sabeth (Eds.), **Art after conceptual art**, Massachusetts, MIT Press, Viena, Generali Foundation, 2006.
- HAACKE, Hans e BOURDIEU, Pierre. **Livre troca**. Ed. Bertrand Brasil, 1ª edição, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Bertrand Brasil, 9ª edição, 2006.

ADORNO, Theodor W. **Teoria Estética**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.

NEGRI, Antonio e LAZZARATO, Maurizio, **Trabalho imaterial**, Rio de Janeiro: DP&A editora, 1ª edição, 2001.

MAUSS, Marcel, **Sociologia e antropologia**, São Paulo; Cosac Naify, 1ª edição, 2003.

Camilla Rocha Campos

É artista e pesquisadora. Possui graduação em Gravura pela UFRJ. Atualmente desenvolve projeto de mestrado em História e Crítica de Arte na UERJ. Trabalha como pesquisadora da escritora Beá Meira no Projeto Radix Arte (Ed. Scipione) de livros didáticos para 1º e 2º grau. Desde 2007 participa do programa de Artistas Educadores da Daros-Latinamerica, Casa Daros, Rio de Janeiro.